



Mudanças do culto luterano na Alemanha: dados empíricos, percepções e perspectivas

Daniel Hörsch¹

Resumo: Esta contribuição analisa as mudanças do culto luterano na Alemanha a partir de dados empíricos, especialmente do sexto levantamento de membros da igreja de 2023. Após examinar primeiramente a diversidade de formas de culto acentuada por Lutero, expõem-se os mais recentes desdobramentos da prática do culto, bem como as repercussões da pandemia do coronavírus sobre o comportamento relativo ao culto com base em levantamentos empíricos. Conclui-se com reflexões sobre o papel da comunidade do culto em face da diminuição do número de membros da igreja.

Palavras-chave: Culto luterano; Alemanha; Participação no culto; Pandemia

O culto luterano tem estado, desde sempre, sujeito ao princípio *semper reformanda*. O ensaio que se segue reproduz as mudanças do culto luterano na Alemanha a partir de percepções empíricas. Faz-se referência, particularmente, ao sexto levantamento de membros da igreja, cujos primeiros resultados foram publicados em novembro de 2023². Na sequência se apresentam percepções e perspectivas. No centro das reflexões se encontra a convicção de que as formas de culto e a frequência à igreja devem ser percebidas e avaliadas em termos plurais.

¹ Evangelische Arbeitsstelle für missionarische Kirchenentwicklung und diakonische Profilbildung (midi), Caroline-Michaelis-Str. 1, 10115 Berlin. daniel.hoersch@mi-di.de

² www.kirchenmitgliedschaftsuntersuchung.de



Formas de culto e frequência à igreja em moldes plurais no pensamento de Lutero

Antes de se tornar reformador, Lutero cantava, como monge, a liturgia das horas, celebrava, como sacerdote, a missa romana e, como cristão, o culto era onipresente para ele. O culto foi, para Lutero, um dos pontos de partida centrais da crítica reformatória e, por fim, o lugar a partir do qual explicitou todas as suas percepções teológicas. Por conseguinte, o que se tem não é tanto uma teologia reformatória *do* culto, mas a teologia de Lutero é definida pelo culto ou pela experiência do culto.

Olhando-se a diversidade do culto na época de Lutero, é surpreendente que, já então, havia cultos nos dias da semana para alunas e alunos, celebravam-se cultos vespertinos, além de cultos às 5 e 6 horas da manhã de domingo para a criadagem que tinha de retomar o trabalho mais tarde e, aos domingos à noite, um culto que tematizava o Evangelho de João para o fortalecimento da fé. Além disso, Lutero, na esteira de sua reforma do culto, deliberadamente não aboliu o culto em latim porque seu público-alvo, neste caso, eram os docentes e estudantes da universidade³.

Para Lutero, existem três formas de culto, como fica claro a partir da prática em Wittenberg: em primeiro lugar, a missa latina, que ele considera apropriada para o contexto escolar e universitário. Em segundo lugar, a chamada Missa Alemã, concebida sobretudo para as “pessoas singelas”, como ele o chama, e tem caráter catequético. E, em terceiro lugar, existem explicações de Lutero sobre uma possibilidade de reuniões cultuais (domésticas) para pessoas que “querem seriamente ser cristãs”⁴ – aspecto que, mais tarde, foi retomado principalmente por Spener e pelo pietismo.

Além disso, o culto era, como culto com santa ceia, também expressão da dimensão experiencial da prática religiosa. Para Lutero, as palavras de instituição, constituíam – como ele formulou em 1520⁵ – o cerne da missa: a presença prometida e – como quer que se interprete isso teologicamente – corpórea de Cristo.

³ JUNGHANS, Helmar. Luthers Gottesdienstreform – Konzept oder Verlegenheit. In: RATZMAN, Wolfgang; MORATH, Reinhold (ed.). *Herausforderung: Gottesdienst*. Leipzig, 1997, p. 77-92 (89) (Beiträge zu Liturgie und Spiritualität, 1).

⁴ Luthers Vorrede zur Deutschen Messe 1526, WA 19, 75, 5.

⁵ WA 6, 355, 3s.



Pode-se, pois, constatar que o culto em moldes plurais já estava presente no pensamento de Lutero. Na história das confissões ou denominações, entretanto, ele foi, então, paulatinamente reduzido ao que, em parte, passou a ser chamado de “culto principal” de domingo de manhã.

Volta para o futuro: cultos orientados pelo mundo da vida e sensíveis para o contexto

No âmbito evangélico na Alemanha se percebe, há anos, o esforço para moldar cultos orientados pelo mundo da vida, ou seja, sensíveis ao entorno, para, assim, corresponder às diversas expectativas das pessoas relativas ao mundo da vida⁶. Com isso também se levam em conta as percepções de que o horário do culto, o local e outros aspectos referentes à estética e ao ambiente são de importância central para o comportamento de frequência ao culto. Com isso se enfoca a referência comunitária, ou seja, a situação das necessidades da comunidade reunida para o culto, que também era de importância elementar para Lutero.

Isso também se torna claro na *Formula missae et communionis pro ecclesia Wittenbergensi* (1523) de Lutero. Essa ordem do culto, escrita expressamente para Wittenberg, inclui-se entre numerosas outras ordens do culto da época da Reforma. Lutero, que redigiu essa ordem para sua comunidade de Wittenberg, não queria que ela fosse copiada, mas que se levasse em consideração o pano de fundo local. Isso mostra mais uma vez a “sensibilidade para o contexto” que era efetivamente uma preocupação do reformador. Ele explicita isso de outra maneira ao dar pela primeira vez voz, neste caso, à comunidade por meio de canções em alemão. Embora a missa em si continuasse sendo em latim, a participação incipiente da comunidade deu um impulso que, a partir de então, permaneceu central para a Reforma. Na Missa Alemã (1526), Lutero prolongou essa tendência e intensificou a participação da comunidade, até então desconhecida na Idade Média. Nessa ordem do culto, ele fortaleceu o canto da comunidade bem como, pela primeira vez, a língua alemã como língua abrangente para o culto.

⁶ HEMPELMANN, Heinzpeter; HECKEL, Ulrich; HINRICHS, Karen; PETER, Dan (ed.). *Auf dem Weg zu einer milieusensiblen Kirche: Die SINUS-Studie "Evangelisch in Baden und Württemberg" und ihre Konsequenzen für kirchliche Handlungsfelder*. Göttingen, 2019.



Portanto, a participação da comunidade, além da sensibilidade para o contexto, é decisiva para Lutero – neste caso, por meio do canto e da música e da língua em que o culto é celebrado.

Culto para quê? A diminuição da relevância do culto para o cotidiano

Durante muito tempo o culto dominical segundo o prontuário litúrgico era tido como centro da comunidade, e a frequência ao culto como “comprovação de cumprimento das normas da igreja”⁷. Entrementes se fala do culto dominical como “filho-problema”. Não raro, o normal aos domingos é um “culto com poucas pessoas”⁸. A tese predominante é de que, para muitas pessoas, o culto dominical parece ser um formato que não é mais relevante para o universo do cotidiano e, por isso, desse ponto de vista, um modelo que está saindo de linha. A imagem de “igrejas vazias” continuamente veiculada pelos meios de comunicação como símbolo do declínio das igrejas está em consonância com isso.

Uma constatação que apoia a tese de que o culto dominical não é mais o formato relevante para o dia a dia de muitas pessoas é, também, a pergunta – feita no sexto levantamento sobre a filiação eclesial da Igreja Evangélica na Alemanha – sobre se frequentar a igreja faz parte de ser cristão. Essa pergunta foi feita a todas as pessoas entrevistadas que tinham vínculo com a igreja e às que não tinham. Neste tocante, no quarto levantamento de 2002 33% das pessoas protestantes no oeste da Alemanha e 53% no leste ainda tinham indicado que ir à igreja fazia parte de ser evangélico. No sexto levantamento de 2022, à pergunta levemente modificada sobre se ir à igreja faz parte de ser cristão 11% responderam com sim no oeste e 19% no leste do país – um recuo de 22% no oeste e de 34% no leste da Alemanha.

Além disso, os dados dos levantamentos de filiação à igreja mostram uma diminuição, desde 2002, da autoavaliação na participação “frequente” (- 14%) e “ocasional” (- 11%) na igreja e um aumento da frequência “rara” (+ 19%) à igreja. O número de pessoas que “nunca” frequentam um culto também está aumentando (+ 5%). Para um número cada vez menor de pessoas ir à igreja é um hábito e para um número cada vez maior isso é a exceção. Neste ponto se mostra o fenômeno – já descrito por Peter Cornehl em 1985 – do “paralelismo estrutural” de uma minoria de pessoas

⁷ LUKATIS, Ingrid. Der ganz normale Gottesdienst in empirischer Sicht. *Praktische Theologie*, v. 38, n. 4, p. 255-268 (255), 2003.

⁸ HARTGE, Christof. Gottesdienst mit Wenigen. *Deutsches Pfarrerberblatt*, n. 12, p. 619-622 (619), 2005.



que frequentam a igreja aos domingos e de uma maioria de pessoas que a frequentam em ciclos do ano ou da vida; esse fenômeno já tinha se formado, em relação ao culto dominical, na época do iluminismo⁹.

O culto dominical evangélico à luz das estatísticas eclesiásticas oficiais do culto de 1990 a 2021

Não obstante todo o desencanto no tocante ao culto dominical, não se deve deixar de levar em conta que a participação no culto sempre esteve sujeita a oscilações, como revela a estatística oficial da igreja. Olhando-se a evolução desde 1953, constata-se que a taxa média de participação no culto subiu de 2,6% (em 1953) a 3,3% em 1979 e estava em torno de 5% nos anos 80. Desde 1990 a frequência ao culto dominical vem diminuindo continuamente, sendo que o recuo só teve efetivamente início em meados da década de 1990. Até então a frequência aos cultos aumentou de 4,2% no ano de 1990 para 4,9% em 1995. Por isso é plausível perguntar qual é a imagem que o público de dentro e o de fora da igreja têm e cultivam atualmente do culto e por causa do qual também “sofrem” ao avaliar a atual frequência ao culto; também é plausível perguntar se um exame da perspectiva de longo prazo não pode contribuir para corrigir, até certo ponto, as narrativas de retrocesso no tocante à participação no culto existentes hoje em dia.

Quanto à redução pela metade da frequência ao culto de 2019 para 2021, isso se deve à pandemia do coronavírus, pois em 2021, em muitos lugares, o culto só podia ser celebrado sob rigorosas regras de higiene e manutenção de distância, ou seja, de forma restrita. O mesmo também deve se aplicar aos números esperados de participantes do culto no ano de 2022, quando, em consequência da escassez de energia, os templos não puderam ser aquecidos, o que certamente deve ter levado numerosos frequentadores da igreja a não participarem do culto.

⁹ CORNEHL, Peter. Gottesdienst VIII: Evangelischer Gottesdienst von der Reformation bis zur Gegenwart. In: TRE, v. 14, p. 54-58 (64).



Vida (e vivência) do culto durante a pandemia

A Igreja Evangélica na Alemanha Central fez um levantamento durante a crise do coronavírus e perguntou seus membros, entre outras coisas, a respeito do culto¹⁰. Segundo ele, o canto conjunto no culto “fez muita falta” para 63%, 51% acharam “pena” que a santa ceia não tenha sido oferecida e 59% indicaram que a prédica lhes dava orientação e consolo.

Um estudo feito sob a condução da Igreja Evangélica na Renânia, que foi realizado em várias igrejas territoriais¹¹, também mostrou que os cultos foram preponderantemente percebidos como amistosos, encorajadores e convidativos durante a época da pandemia.

Os estudos da agência protestante “midi” (Agência Evangélica de Desenvolvimento Missionário da Igreja e Formação de Perfil Diaconal) sobre formatos de pregação digital durante a pandemia¹² revelaram que, durante o primeiro *lockdown*, um número três vezes maior de pessoas utilizou as transmissões on-line do que, na média, estariam presentes aos domingos de maneira análoga ou física no culto. O que a midi conseguiu reconstituir com um estudo comparativo de 2021 sobre a evolução desde o primeiro *lockdown* em 2020 até junho de 2021 foi que o “novo normal” era inicialmente o culto analógico, digital-assíncrono. Portanto, um retorno ao costumeiro, também sob condições mais difíceis com regras de distanciamento e medidas de higiene e precaução, bem como o caminho de disseminação digital que mais se aproxima do análogo, o assíncrono. Entrementes a grande maioria das comunidades voltou ao culto presencial analógico.

Portanto, sob um olhar sóbrio, o que podemos constatar na igreja em termos de digitalização é o aproveitamento da infraestrutura digital para a disseminação de formatos analógicos de pregação. Não obstante, de 20 a 25% das comunidades continuam a oferecer formatos segundo as lógicas da digitalidade. Isso também assinala o desafio do qual as igrejas evangélicas na Alemanha têm de dar conta no tocante à digitalização no campo do culto.

¹⁰ Disponível em: <https://www.ekmd.de/aktuell/corona/umfrage-der-ekm-zur-corona-krise>. Acesso em: 17 ago. 2020.

¹¹ REIMANN, Ralf Peter; SIEVERT, Holger. *Studie zu Online-Gottesdiensten*: Ausgewählte erste Ergebnisse der Studie. Düsseldorf, 2020; REIMANN, Ralf Peter; SIEVERT, Holger. Rezipiententypologie evangelischer Online-Gottesdienstbesucher*innen während und nach der Corona-Krise. Düsseldorf, 2021.

¹² HÖRSCH, Daniel. *Digitale Verkündigungsformate während der Corona-Krise*: Eine Ad-hoc-Studie im Auftrag der EKD. Ergebnisse und Rezeption. Berlin, 2020; HÖRSCH, Daniel. *Gottesdienstliches Leben während der Pandemie*: Verkündigungsformate und ausgewählte Handlungsfelder kirchlicher Praxis – Ergebnisse einer midi-Vergleichsstudie. Berlin, 2021.

No estudo qualitativo de longa duração intitulado “Lebensgefühl Corona” publicado pela agência evangélica midi¹³, também se perguntou até que ponto a fé, a religião e a igreja tiveram importância no enfrentamento da pandemia. Além disso, foi possível obter percepções sobre a opinião das pessoas a respeito do culto dominical em si. Em quatro de oito tipos de modos de encarar a vida descritos de maneira condensada que puderam ser modelados no estudo, os cultos têm certa importância. O estudo da midi mostra que as posturas e motivações referentes ao culto são acentuadamente díspares e diversificadas.

- Tipo: As pessoas atentas

“Sim, e eu de modo algum sou uma pessoa que crê, não vou ao culto aos domingos, ou no Natal, e não acho a instituição igreja particularmente importante.”

- Tipo: As pessoas esgotadas

“Para crer no bom Deus eu não preciso ir ao culto.”

- Tipo: As pessoas indignadas

“Os cultos (na TV) eram ociosos, nem um pouco realistas, teriam que ter tirado o medo.”

- Tipo: As pessoas confiantes

“Ou quando simplesmente temos necessidade, por exemplo agora, ou seja, domingo de manhã eu levanto e digo a mim mesma ‘ok’, preciso me confessar. Então vou até a minha igreja, tenho meu culto e ouço e recebo a santa ceia e depois ainda me confesso. Ou como quer que seja. Quando sinto necessidade de ir à igreja, então gostaria de fazer isso.”

- Tipo: As pessoas que tomam parte

“Se continuarmos com os cultos por Zoom, vamos atingir mais membros da comunidade [...]. Foi um público muito diversificado, pessoas com mais de 80 anos, com mais de 60, mais jovens, com filhos, sentadas diante da tela e de fato participando do culto. E no caso de pessoas muito idosas era o neto que operava o aparelho, isso me deixou muito contente.”

- Tipo: As pessoas modestas

“Mas deu muita força a ela, não os cultos que voltaram a acontecer depois, mas as meditações, pequenas meditações, que transcorreram de modo totalmente diferente dos cultos litúrgicos.”

¹³ LILLIE, Ulrich; HÖRSCH, Daniel (ed.). *Lebensgefühl Corona: Erkundungen in einer Gesellschaft im Wandel. Eine qualitative Langzeitstudie*. Berlin, 2021, p. 103s.

- Tipo: As pessoas que pensam
“Eu também não me sinto amparado quando vou ao culto.”
- As pessoas cansadas
“Nós também acompanhamos um ou outro culto pelo rádio aqui.”

Dimensões da vivência do culto referentes às pessoas destinatárias

O fundamento das seguintes dimensões do culto referentes às pessoas destinatárias é constituído pelas expectativas dirigidas ao culto por parte das pessoas vinculadas à igreja e das não vinculadas no sexto levantamento de membros da Igreja Evangélica na Alemanha que vão à igreja ao menos uma vez por ano, bem como as *razões* da participação em cultos que são mencionadas. Se, no que se segue, o foco está nas dimensões da vivência do culto, isso se refere, retomando uma formulação de Uta Pohl-Patalong, à “percepção subjetiva, com base emocional, do fenômeno do culto, em que este último pode ser vivenciado em uma determinada direção ou sob um determinado ponto de vista, e uma mesma pessoa pode vivenciar várias dimensões ao mesmo tempo”¹⁴.

Com 81%, a maior taxa de aprovação é a percepção “do *espaço da igreja*, da *música*, de *toda a atmosfera*”. Ela remete os primeiros colocados de levantamentos anteriores dos membros da igreja (em 2002, a *prédica* [70%], em 2012, *linguagem moderna* [63%]) ao segundo e terceiro lugar. A maioria aprova os elementos do “*fortalecimento da fé*” (54%) e do desejo de “*entregar-se a pensamentos próprios*” (59%). O “*encontro com pessoas conhecidas*” (45%) e a “*interrupção do cotidiano*” (42%) são articulados bem mais raramente como expectativas, assim como “*vivenciar algo sagrado*” e “*que seja dito o que se deve pensar e como se deve viver*” (9%).

Resumindo, podem-se distinguir cinco dimensões:

- a) Dimensão da vivência estética
- b) Dimensão da vivência homilética
- c) Dimensão da vivência religiosa
- d) Dimensão da introspecção e interrupção
- e) Dimensão da vivência da socialidade.

¹⁴ POHL-PATALONG, Uta. *Gottesdienst erleben: Empirische Einsichten zum evangelischen Gottesdienst*. Stuttgart, 2011, p. 93.



Mais elementos de união do que de separação confessional

O sexto levantamento atual também permite examinar o culto perguntando o que são, nele, particularidades tipicamente evangélicas ou católicas, sejam elas supostas ou factuais. A imagem do culto católico está muitas vezes marcada pela noção de que através da santa missa se participa da visibilidade objetiva do sagrado e que isso se expressa na participação na liturgia e na eucaristia. Entre as pessoas católicas, a frequência à santa missa aos domingos é, a rigor, obrigatória até hoje. A imagem do culto entre pessoas protestantes é diferente. Neste caso a decisão voluntária de participar do culto se encontra em tensão com a reunião necessária dos fiéis no culto como marca da igreja. Além disso, muitas vezes se supõe que o culto evangélico vise a uma interioridade subjetiva. Em consonância com isso, opina-se que o culto católico atua mais de fora para dentro e o culto evangélico, inversamente, de dentro para fora.

Forma do culto e frequência à igreja em moldes plurais

O estudo sobre a frequência à igreja da Conferência Litúrgica já tinha mostrado a diversidade da vida do culto em 2019¹⁵:

- cultos de acordo com o prontuário no domingo de manhã
- cultos relacionados ao ano da igreja – p. ex. Natal, Festa da Colheita
- cultos com perfil musical ou estético – p. ex., cultos com cantatas, filmes, música *gospel*
- formas de meditação – p. ex., oração ao meio-dia, meditação de Paixão
- cultos alternativos – p. ex., *Go Special*, missão de Tomé, culto para motoqueiros
- cultos com referência biográfica – ofícios casuais clássicos e novos, p. ex., início da vida escolar, bodas de ouro
- cultos em instituições – p. ex., no lar de idosos, na creche
- cultos com referência social – p. ex., em feriado municipal, após um atentado terrorista
- cultos com referência etária – p. ex., cultos para crianças pequenas, para jovens

¹⁵ LITURGISCHE KONFERENZ DER EKD (ed.). *Kirchgangsstudie 2019: Erste Ergebnisse*. Disponível em: https://www.liturgische-konferenz.de/download/Kirchgangsstudie_2019_Ergebnispapier.pdf



- cultos com referência eclesial ou comunitária – p. ex., para a consagração do presbitério
- cultos para comunidades temporárias – p. ex., para peregrinos, retiro do ensino confirmatório, dia da igreja.

Lamentavelmente, não há uma visão estatística de conjunto do número de pessoas participantes de todos esses formatos de culto. Isso, por sua vez, mostra, contudo, o quanto a percepção intraeclesial ou, talvez melhor, da igreja oficial está reduzida ao culto dominical.

O sexto e mais recente levantamento dos membros da igreja confirmou grande parte desses formatos do culto, de modo que, além do culto comunitário normal de domingo, enfoca-se a frequência à igreja em termos plurais.

Frequência à igreja em certas ocasiões (ofícios casuais) – 89%

Cultos casuais, ou seja, cultos por ocasião de batismos, confirmações, casamentos, enterros, são frequentados pela esmagadora maioria (89%) das pessoas entrevistadas que vão ao culto pelo menos uma vez por ano. Chama a atenção que até mesmo três quartos das pessoas sem vínculo à igreja (73%) frequentam cultos casuais.

Frequência à igreja em feriados importantes (véspera de Natal, Natal – 81% - Páscoa – 49%, Sexta-Feira Santa – 27%)

No caso dos feriados importantes, chama atenção, também neste último levantamento, que a Sexta-Feira Santa (com 27%) fica claramente para trás em comparação com a Páscoa (com 49%) e a véspera de Natal/Natal (com 81%). Os achados do sexto levantamento sobre o culto de véspera de Natal e de Natal mostram que ele tem um significado relevante mesmo para pessoas que só frequentam um culto por ano (77%), assim como para pessoas sem vínculo denominacional (71%). Em comparação com a frequência à igreja no Natal, a participação em cultos na Páscoa diminui claramente (49%). De modo semelhante ao que ocorre com os cultos para famílias, a frequência à igreja em cultos comunitários exerce uma influência considerável sobre a participação em um culto de Páscoa. Assim, 93% das pessoas que frequentam semanalmente um culto comunitário indicam que também vão à igreja na Páscoa, ao passo que, quanto menor a frequência à igreja aos domingos,



tanto menor é a participação no culto de Páscoa (participantes mensais do culto: 81%; anuais: 37%). Já a ida à igreja na Páscoa não tem importância para as pessoas sem vínculo eclesial (12%).

Participação em cultos para famílias (38%)

Diferentemente do que ocorre no culto casual, no caso dos cultos para famílias a frequência à igreja tem uma influência considerável sobre o comportamento em termos de participação. Assim, apenas um terço das pessoas que frequentam o culto ao menos uma vez por ano ou várias vezes por ano também participa de cultos para famílias. Já no caso das pessoas que vão ao culto uma vez por mês esse índice é de 59%, e entre as que frequentam o culto semanalmente é de 74%.

Participação em cultos com música clássica (30%) e música moderna (27%)

Praticamente não há diferenças entre cultos com música clássica e com música moderna, razão pela qual no sexto levantamento eles foram reunidos em um só conjunto, “culto com música”. A frequência semanal (58%) e mensal (61%) à igreja influencia também a participação em cultos com música.

Cultos de bênção são frequentados por 22% das pessoas entrevistadas que participam do culto ao menos uma vez por ano. Também neste caso a frequência à igreja em cultos dominicais influencia o comportamento em termos de participação: mais da metade das pessoas que vão à igreja semanalmente também participam de um culto com bênção (55%), e entre as que frequentam o culto mensalmente esse índice é de 43%.

Um quadro semelhante ao do culto de bênção também se verifica no caso das *formas alternativas de culto* (25%). Cerca de um terço das pessoas evangélicas participam delas. Já para as pessoas sem vínculo eclesial as formas alternativas são menos atraentes (10%).

A frequência à igreja também corresponde aos cultos dominicais no caso dos *cultos de louvor*: 48% das pessoas que participam destes cultos indicam que vão semanalmente à igreja e 27% das que o fazem mensalmente participam deles.

Os *cultos sobre temas especiais* (28%) são preponderantemente um formato para vincular membros com uma ligação estreita à igreja, ao passo que formas alternativas de culto têm um



alcance em termos de orientação para os membros e chegam até o campo fluido daqueles mais distanciados.

Quais são os obstáculos para ir à igreja?

No sexto levantamento de membros da igreja se distinguiram razões que depõem em termos gerais contra uma frequência ao culto em relação a pessoas que participam do culto no máximo uma vez por ano e razões que depõem contra a frequência a determinados cultos em relação a pessoas que participam do culto ao menos uma vez por ano. Dois terços das pessoas evangélicas indicam que “têm outras coisas para fazer aos domingos”, “não são religiosas” (43%) ou “sentem não fazer parte das pessoas no culto” (40%). “Porque também cultivo minha espiritualidade sem o culto” é afirmado por 56% das pessoas evangélicas, e 57% citam a circunstância de que “o estilo dos cultos não agrada”. Bem mais raros são os casos em que a pessoa encarregada da liturgia “que celebra o culto” é considerada uma razão impeditiva entre as pessoas evangélicas (18%).

Cultos com santa ceia

No ano de 2019, 209.363 cultos com santa ceia foram celebrados na Igreja Evangélica na Alemanha. Estabelecendo-se uma relação entre esses cultos com santa ceia e o número de cultos em domingos e feriados (934.812), constata-se que um quinto dos cultos foram com santa ceia e quatro quintos, sem.

No tocante à santa ceia, os achados do sexto levantamento também parecem desanimadores: 76% das pessoas entrevistadas indicaram que, para elas, a santa ceia não faz necessariamente parte do ser cristão.

Percepções e perspectivas

As investigações empíricas deixaram claro que nos enganávamos a nós mesmas e mesmos se supuséssemos que há 60 anos a grande massa dos membros da igreja frequentavam o culto. Em termos estatísticos, no ano de 2019 a percentual de pessoas evangélicas que participavam do culto era exatamente o mesmo como em 1953. Então, a situação não seria que a realidade empírica



reproduz o que, teologicamente, a rigor é óbvio, a saber, que a comunidade reunida no culto sempre é representação para todas e todos?

Isso parece se tornar mais evidente pelo fato de que em 2024 teremos, na Alemanha, a situação em que as pessoas cristãs serão minoria, ou seja, menos de 50% dos alemães pertencerão confessionalmente a uma das duas maiores igrejas, causada pela saída das igrejas por parte das pessoas e pela evolução demográfica natural.

A ideia de que, como pessoa cristã, também se vai ao culto já não se aplicava a épocas anteriores; o mais recente levantamento dos membros da igreja mostrou que esse tampouco é o caso no presente. A participação no culto aos domingos de manhã só faz parte ainda do ser cristão para uma minoria. Já em 1969 Werner Jetter tinha constatado, em seu inventário intitulado “O que será da igreja?”, que “hoje em dia a participação no culto não é mais a característica abrangente, obrigatória e válida do ser cristão”¹⁶. Essa constatação corresponde, entre outros, ao resultado de que mais da metade das pessoas participantes do culto indicam, no sexto levantamento, que o culto não é importante para sua própria espiritualidade. Então, entretanto, é de se perguntar em que se manifesta o ser cristão, quais são as características centrais do cristianismo.

Factualmente, o culto dominical já é há muito tempo, em um nível surpreendentemente estável, um ponto de cristalização para poucas pessoas, em geral altamente ligadas à igreja e com um determinado estilo de religiosidade. A diversidade de cultos que se formou ao longo das décadas passadas reproduz um espectro mais amplo de participantes. 50% dos cultos não são celebrados aos domingos. O número crescente de celebrações de culto em ritmos e horários diferentes carece de um exame empírico de maior alcance, já iniciado no estudo sobre a frequência à igreja da Conferência Litúrgica de 2019.

Frequência à igreja sob o signo da voluntariedade

No tocante ao passado, certamente se pode falar, em muitos sentidos, da existência de um cristianismo tradicional, marcado por formas institucionalizadas, que, até certo ponto, levaram a uma cultura de coisas óbvias. A sociedade atual, contudo, é designada, com razão, como uma sociedade de singularidades, descrita acertadamente pelo sociólogo alemão Andreas Reckwitz¹⁷ no

¹⁶ JETTER, Werner. *Was wird aus der Kirche?* Stuttgart, 1969, p. 177.

¹⁷ RECKWITZ, Andreas. *Die Gesellschaft der Singularitäten*. Frankfurt am Main, 2017.



que diz respeito à Alemanha.. A cultura pregressa das coisas óbvias está se tornando mais frágil e vem sendo questionada, razão pela qual entrementes também se precisa falar, tendencialmente, da existência de um cristianismo baseado na decisão e uma igreja de participação voluntária. Cada indivíduo decide o que dá sentido a seu próprio empenho, à sua própria vida e parece compatível com eles. Por isso, é de se supor que também os formatos da pregação, como expressão de uma estrutura de plausibilidade institucionalizada, estejam sujeitos a essa dinâmica de mudança. Com isso, necessidades subjetivas passam mais acentuadamente para o primeiro plano, por exemplo, um clima harmonioso ou consistente no culto ou a expectativa de que, como local de força, ele faça bem à fé da própria pessoa. Também se valorizam a prédica, a música, a pessoa do pastor ou da pastora, uma linguagem condizente e compreensível, bem como a possibilidade de se encontrar com pessoas. Essas necessidades subjetivas independem da faixa etária e devem se aplicar de igual maneira tanto ao meio analógico quanto ao digital.

Atualmente as pessoas decidem por conta própria e também de modo autoconfiante se querem participar da vida de culto, eventualmente em que ocasiões e em que locais e a que horas, ou então não querem.

A participação no culto no século XXI necessita de uma plausibilidade, para as pessoas que o frequentam, que não deve ser buscada apenas no costume. O sexto levantamento sobre a filiação à igreja mostrou que, muitas vezes, outros compromissos e atividades são obstáculos para frequentar a igreja. Inversamente, isso significa que o culto precisa ser plausível para as pessoas, para sua interpretação da vida, sua orientação em termos de sentido para viver e de enfrentamento do cotidiano, pois do contrário elas se decidem por outras atividades de lazer. O culto em moldes plurais oferece para isso possibilidades suficientes que, a médio prazo, devem ser aproveitadas e aprofundadas criativamente.

Casualização da frequência à igreja

É plausível supor que o pano de fundo eclesial-dogmático mais ou menos inquestionado da frequência à igreja tenha sido substituído por uma integração deliberada da frequência à igreja nas tradições de celebração das famílias. Carregando nas tintas, pode-se dizer que o aspecto casual e familiar-tradicional está substituindo o pano de fundo eclesial-dogmático na frequência à igreja. As



possibilidades latentes de moldagem específica de cultos para ocasiões especiais e familiares nem de longe estão sendo plenamente ativadas na atualidade.

Renascimento da compreensão luterana de culto?

É surpreendente, do ponto de vista da história confessional, o quanto o culto evangélico se afastou da compreensão original de culto de Lutero (p. ex., no tocante ao caráter óbvio da frequência à igreja). Por isso, parece que faz sentido se apropriar constantemente, de maneira nova, da compreensão original de Lutero a respeito do culto (em sua pluralidade). Muitas das coisas que precisam ser penosamente conquistadas hoje em dia já estavam implícitas naquela época.

Referências

- CORNEHL, Peter. Gottesdienst VIII: Evangelischer Gottesdienst von der Reformation bis zur Gegenwart. In: *Theologische Real-Enzyklopädie*, v. 14, p. 54-58.
- HARTGE, Christof. Gottesdienst mit Wenigen. *Deutsches Pfarrerblatt*, n. 12, p. 619-622, 2005.
- HEMPELMANN, Heinzpeter; HECKEL, Ulrich; HINRICHS, Karen; PETER, Dan (ed.). *Auf dem Weg zu einer milieusensiblen Kirche: Die SINUS-Studie "Evangelisch in Baden und Württemberg" und ihre Konsequenzen für kirchliche Handlungsfelder*. Göttingen, 2019.
- HÖRSCH, Daniel. *Digitale Verkündigungsformate während der Corona-Krise: Eine Ad-hoc-Studie im Auftrag der EKD. Ergebnisse und Rezeption*. Berlin, 2020.
- HÖRSCH, Daniel. *Gottesdienstliches Leben während der Pandemie: Verkündigungsformate und ausgewählte Handlungsfelder kirchlicher Praxis – Ergebnisse einer midi-Vergleichsstudie*. Berlin, 2021.
- JETTER, Werner. *Was wird aus der Kirche?* Stuttgart, 1969.
- JUNGHANS, Helmar. Luthers Gottesdienstreform – Konzept oder Verlegenheit. In: RATZMAN, Wolfgang; MORATH, Reinhold (ed.). *Herausforderung: Gottesdienst*. Leipzig, 1997, p. 77-92. (Beiträge zu Liturgie und Spiritualität, 1).
- LILIE, Ulrich; HÖRSCH, Daniel (ed.). *Lebensgefühl Corona: Erkundungen in einer Gesellschaft im Wandel. Eine qualitative Langzeitstudie*. Berlin, 2021.



- LITURGISCHE KONFERENZ DER EKD (ed.). *Kirchgangsstudie 2019: Erste Ergebnisse*.
Disponível em: https://www.liturgische-konferenz.de/download/Kirchgangsstudie_2019_Ergebnispapier.pdf.
- LUKATIS, Ingrid. Der ganz normale Gottesdienst in empirischer Sicht. *Praktische Theologie*, v. 38, n. 4, p. 255-268, 2003.
- POHL-PATALONG, Uta. *Gottesdienst erleben: Empirische Einsichten zum evangelischen Gottesdienst*. Stuttgart, 2011.
- RECKWITZ, Andreas. *Die Gesellschaft der Singularitäten*. Frankfurt am Main, 2017.
- REIMANN, Ralf Peter; SIEVERT, Holger. *Studie zu Online-Gottesdiensten: Ausgewählte erste Ergebnisse der Studie*. Düsseldorf, 2020.
- REIMANN, Ralf Peter; SIEVERT, Holger. *Rezipiententypologie evangelischer Online-Gottesdienstbesucher*innen während und nach der Corona-Krise*. Düsseldorf, 2021.